

O “Brasil Trágico” de Sylvio Floreal: uma viagem pelo Mato Grosso

The “Tragic Brazil” by Sylvio Floreal: a trip to Mato Grosso

Marcelo Lapuente Mahl*

Resumo

Passados três anos da publicação de sua *Ronda da meia noite – vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*, obra pela qual o escritor Domingos Alexandre, conhecido pelo pseudônimo Sylvio Floreal, ganhou certa notoriedade nos círculos literários paulistanos, chegou ao público, mais precisamente no ano de 1928, o livro *O Brasil Trágico – impressões, visões e misterios de Matto Grosso*. Nele, o autor reuniu uma série de textos produzidos entre os meses de julho de 1926 e julho de 1927, quando percorreu o então estado do Mato Grosso, realizando palestras, fazendo apontamentos, escrevendo e estabelecendo contatos profissionais com membros das elites intelectuais e políticas locais, principalmente na capital Cuiabá. Tais relatos, que serão analisados neste artigo, dialogam diretamente com visões e idealizações que circulavam nos meios impressos sobre os chamados *sertões* brasileiros, e revelam as tensões e as ambiguidades existentes entre os desejos de modernidade que emanavam dos maiores centros urbanos nacionais, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, e a dura realidade enfrentada pelas populações pioneiras que, impulsionadas pela força da expansão agrícola da década de 1920, adentravam as vastas áreas ainda inexploradas, e não raro desconhecidas, do interior do país.

Palavras-chave: Modernidade; expansão agrícola; imprensa; sertão mato-grossense; relatos de viagem.

Abstract

After three years of publishing *Ronda da meia noite – vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo* [Midnight Round – vice, misery and splendors of São Paulo City], work that conferred the writer Domingos Alexandre, known by the pseudonym Sylvio Floreal, notoriety in the literary circles of Sao Paulo, a new publication is released, precisely in 1928, *O Brasil Trágico – impressões, visões e misterios de Matto Grosso* (The Tragic Brazil – impressions, visions and mysteries of Mato Grosso). In it, the author gathers a series of texts written between

*Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: mlmhistor@hotmail.com

July 1926 and July 1927, when he toured the state of Mato Grosso, lecturing, holding meetings, writing and establishing professional contacts with members of intellectual elites and local politics, especially in the capital, Cuiabá. Such accounts, which will be analyzed in the present paper, directly dialogue with visions and idealizations that circulated in printed media about the so-called Brazilian hinterlands, revealing tensions and ambiguities between the desires for modernity that emanated from the largest national urban centers, specially Sao Paulo and Rio de Janeiro, and the hard reality faced by pioneer populations that, propelled by the 1920 agricultural expansion, would enter the vast countryside areas, yet unexplored and more often than not, unknown.

Keywords: Modernity, agricultural expansion, press, hinterlands of Mato Grosso, travel journals.

No ano de 1928 morreu o escritor e jornalista Sylvio Floreal, em seu endereço na rua Senador Feijó, nº 18, região central de São Paulo. As notícias sobre o seu desaparecimento, para além das homenagens costumeiras dos obituários, destacaram a precária situação financeira em que se encontrava, apesar da intensa carreira jornalística exercida na capital paulista, ao longo de pelo menos dez anos, período em que publicou também cinco livros autorais.¹ Seu último trabalho, *O Brasil Trágico – impressões, visões e misterios de Matto Grosso*, chegou ao público no mesmo ano de sua morte. Antes dele, foram editados *Attitudes* (1922), *A coragem de amar – O romance da nova raça* (1924), *O rei dos caça-dotes* (s.d) e *Ronda da meia noite – vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo* (1925);² sendo esta última a sua obra mais conhecida e a

¹ FERREIRA, Rafael Rodrigo. O Literato Ambulante. Antologia e Estudo da obra de Sylvio Floreal (1918-1928). (Mestrado) Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2018. Neste trabalho, encontramos a reprodução de algumas notas que apresentam maiores detalhes sobre a vida e a circunstâncias da morte de Sylvio Floreal.

² FLOREAL, Sylvio. *Attitudes*. São Paulo: Casa Duprat, 1922; __. *A coragem de amar – O romance da nova raça*. São Paulo: [s.d], 1924; __ *Ronda da meia noite – vícios, misérias e esplendores da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Tipografia Cupolo, 1925; __ *O Brasil trágico, Impressões, visões e mistérios do Mato-Grosso*. São Paulo: Grafica Rossetti, 1928. Além desses trabalhos, indícios apontam para outros projetos inconclusos. Em *Attitudes*, são indicadas como “em preparo” as obras *A Feira das perfídias*, *A mulher de toda a gente* e *Nos degraus da Vida*. Posteriormente, em *Ronda da meia noite*, são apresentados como “a sahir” os livros *A Devoradora de Homens* e *A bela adormecida no meu quarto*. Da mesma forma, ao final do *Brasil Trágico*, encontra-se a informação sobre um futuro lançamento, provavelmente o novo desdobramento de sua viagem pelo Mato Grosso, chamado *No Mistério dos Diamantes*. Entretanto, ao que tudo indica, tais títulos acabaram não saindo do prelo, por motivos ainda desconhecidos. Quanto à obra *O rei dos caça dotes*, não datada, ela é a única, se é que ainda existe, que não foi possível consultar em sua primeira edição para a

única, até o presente momento, reeditada.³ Nela, o autor aborda momentos e personagens da vida urbana paulistana na década de 1920, o que permite aproximar sua produção, pelo menos do ponto de vista temático, ao trabalho do escritor João do Rio, pseudônimo pelo qual ficou conhecido Paulo Barreto, que fixou uma imagem da vida cultural e social não somente das elites fluminenses, como também das novas classes médias, na virada do século XIX, marcadas pelo arrivismo e mundanismo que emergiram durante a *Belle Époque* na Capital Federal.⁴ Entretanto, Sylvio Floreal esteve distante do reconhecimento e da distinção desfrutadas pelo colega carioca, que ainda em vida angariou posições importantes no cenário literário, tendo chegado à Academia Brasileira de Letras, em 1910, exemplo maior de sua integração aos cânones daquele tempo.

Longe da “imortalidade”, Floreal parece ter se esforçado para se posicionar, ao menos, em um lugar de destaque que lhe parecia merecido, mas que de fato não se concretizou, por motivos ainda em discussão no meio acadêmico. Para além da vitalidade de seus escritos, aos olhos contemporâneos, e da forma como o autor se estabeleceu dentro dos campos literários que se conformavam nas duas primeiras décadas do século XX, ainda faltam maiores informações sobre a sua trajetória de vida, que apresenta muito mais lacunas do que certezas.⁵ Esta insegurança quanto à sua biografia, incluindo seus passos profissionais, prejudica ainda mais uma percepção objetiva das possibilidades de movimentação e inserção ofertadas ao escritor, que lhe permitissem ascender até patamares de maior prestígio no disputado e tenso campo intelectual dos anos de 1920.⁶

De fato, Sylvio Floreal não foi lido ou recebido, de maneira geral, como um nome destacado da literatura em seu tempo, afora quando se deslocava

produção do presente artigo. Nesse sentido, todos os livros de Sylvio Floreal aqui citados são referenciados com base em suas edições originais.

³ Foram duas as reedições mais recentes. A primeira foi impressa pela editora Boitempo (2002), a segunda, pela Paz e Terra (2003).

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. Esse momento da Capital Federal está também retratado em: LUSTOSA, Isabel. *História de Presidentes – A República do Catete*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989. Ver também: CASTRO, Ruy. *Metrópole à Beira-Mar – O Rio Moderno dos Anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

⁵ Sobre algumas das dúvidas que pairam sobre a vida de Sylvio Floreal, consultar o prefácio de Nelson Schapochnik, na reedição de *Ronda da meia noite* (Boitempo, 2002).

⁶ Para os debates em torno da formação do campo intelectual brasileiro, ver: MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. Em relação à economia das trocas simbólicas no contexto das relações entre intelectuais, políticos e artistas na década de 1920, consultar: MICELI, Sergio. *Imagens Negociadas*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

pelo interior do país durante suas inúmeras andanças como conferencista.⁷ Apesar de desfrutar da proximidade e, ao que tudo indica, da amizade de nomes como Monteiro Lobato e Afonso Schmidt, ele não conseguiu superar a posição de “rés do chão do campo literário”.⁸ Tal situação marginal se faz acompanhada de uma indecisão sobre o próprio estilo de sua escrita, em relação aos seus congêneres. Sem dúvida que localizá-lo no diálogo com os chamados *pré-modernistas*, uma vez que o seu trabalho se dá exatamente no interregno de 1922, parece ser o mais razoável, aceitando-se o quanto esta classificação, muitas vezes questionada, pode dificultar a compreensão de sua obra, consequência direta do efeito limitador que a fixação dos cânones literários pode oferecer.⁹

Contudo, não se deve escapar à análise o fato de toda a sua produção divulgada em livro, entre contos, crônicas e romances, ter ocorrido entre os anos de 1922 e 1928, período de grande efervescência da vida intelectual nacional, resultado principalmente das propostas de uma nova geração, auto referenciada como modernista, que por meio de um intenso diálogo com as vanguardas artísticas europeias, propunha um olhar que se queria distante dos modelos de interpretação ficcional vigentes até então.¹⁰ E foi exatamente neste cenário de tensões acirradas entre diferentes formas de representação e imaginação literária, marcado pela convivência pouco cordial, não raro explicitamente antipática entre os chamados “novos” e os “velhos” autores, e que pode ser exemplificada no embate entre personalidades tão radicalmente opostas como as de Oswald de Andrade, o *enfant terrible* de sua geração, e Coelho Neto, figura dominante desde a virada do século XIX e tratado por

⁷ BIGNOTTO, Cilza Carla. Figuras de Autor – Figuras de Editor – as práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018. É importante ressaltar a existência de vários níveis no próprio campo intelectual e, em cada um deles, Sylvio Floreal se acomodava de forma distinta.

⁸ *Ibidem*, p. 429.

⁹ FISCHER, Luís Augusto. O Fim do cânone e nós com isso – passado e presente do ensino de literatura no Brasil. In *Remate dos Males*. Campinas, São Paulo. v.34.2, p. 573-611, jul./dez. 2014.

¹⁰ Existe uma vasta bibliografia sobre a movimentação modernista no Brasil. Para uma discussão sobre sua abrangência no contexto da vida intelectual paulista, ver: CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial – crônica da Belle Époque paulistana*. São Paulo: Ed. Senac, 2001; FRANZINI, Fábio. Mais um texto sobre 1922? Um par de comentários sobre o Modernismo paulista(no). In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *História do Estado de São Paulo – A Formação da Unidade Paulista*. São Paulo: Ed. Unesp/Arquivo Público do Estado/Imprensa Oficial, 2010. Já em relação aos modernismos, no contexto internacional, consultar: BRADBURY, Malcolm; McFARLANE, James. *Modernismo – Guia Geral*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1999. Ver também: JACKSON, Kevin. *Constelação de Gênios – uma biografia de 1922*. Trad. Camila Mello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

seus pares com “foros de gênio”,¹¹ que Sylvio Floreal buscou seu lugar ao sol; desejo que definitivamente não se mostrou de fácil realização.

Nesse sentido, se os livros escritos por Sylvio Floreal forem analisados sob a ótica dos processos de transformação pela qual passava a literatura brasileira, eles certamente seriam chamados de “passadistas”, termo designativo muito utilizado no período, geralmente de forma pejorativa, para definir autores que permaneciam arredios frente à onda renovadora que os modernistas propagavam, de forma bastante heterogênea.¹² No caso do livro *O Brasil Trágico*, alvo principal de nossa reflexão, as diferenças estilísticas são evidentes, marcando um distanciamento importante dessas visões vanguardistas. A escrita, longe do coloquialismo e da simplificação da linguagem, está ainda inundada pelos arroubos vernáculos, dialogando com o academicismo gramatical então em voga. O léxico raro, a hipérbole, as metáforas excessivamente românticas, cheio da emoção “trágica”, que levaram o próprio autor a definir seu estilo como “impressionista”, mostram o afastamento das vanguardas estéticas. À simplificação da linguagem e ao despojamento, o autor manteve o tom carregado de adjetivações. Segundo suas próprias palavras, que por si só já revelam o estilo de sua escrita, “As impressões que feriram a retina, tachygrapheí-as com a sensibilidade, para depois cinematographal-as sem destruir-lhes a frescura do flagrante nem a bizarrice do ineditismo”.¹³

Da mesma forma, é significativo da complexidade e diversidade da produção literária da década de 1920, uma verdadeira “sementeira de grandes mudanças”¹⁴ que, no mesmo ano da publicação de *Macunaíma*, de Mario de Andrade, e do *Manifesto Antropofágico*, de Oswald de Andrade, dois marcos artísticos decisivos daquele momento, Sylvio Floreal tenha oferecido ao público um trabalho tão diferente dos seus contemporâneos mais radicais, na mesma medida em que se mantinha integrado e fiel à lógica estilística que

¹¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 104. Para uma reflexão sobre as propostas políticas e estéticas de Oswald de Andrade, sua participação no movimento modernista, e as várias possibilidades interpretativas de sua vida e obra, consultar: CANDIDO, Antonio. *Estouro e libertação*. In: _____. *Brigada Ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

¹² MICELI, Sergio. *Nacional Estrangeiro*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. Este debate sobre as diversas propostas modernistas, tendo como base de investigação a vida e a obra de Mario de Andrade, pode ser acompanhado em: TERCIO, Jason. *Mario de Andrade – em busca da Alma Brasileira*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019. Ver também: MICELI, Sergio. *Mario de Andrade – A invenção do moderno intelectual brasileiro*. In: _____. *Vanguardas em retrocesso*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

¹³ FLOREAL, Sylvio. *O Brasil Trágico – Impressões, visões e mistérios de Matto-Grosso*. São Paulo: Gráfica Rossetti, 1928, p. 10. Para uma melhor compreensão e manutenção das características singulares do texto, manteremos a grafia original nos fragmentos citados.

¹⁴ CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 219.

imperava desde o começo do século XX e que acabaria ferida de morte ao longo dos anos de 1930. Fica evidente, portanto, que Floreal, no momento de sua maturidade, manteve uma escrita inserida naquilo que Antonio Candido definiu como uma “literatura de permanência”, que dialogava ainda com os traços do Romantismo que se mantinham presentes e relevantes, do ponto de vista editorial, na literatura brasileira.¹⁵

O *Brasil Trágico - Impressões, visões e mystérios de Matto-Grosso* foi editado pela Gráfica Rossetti em São Paulo. A apresentação do livro, escrita pelo próprio Sylvio Floreal, data de vinte e dois de dezembro de 1927. Portanto, o tratamento final ao texto deve ter se dado ao longo do ano anterior à sua morte, restando a dúvida se o autor conseguiu efetivamente ter um vislumbre da obra em seu formato acabado.¹⁶ De todo modo, ele estava na expectativa em relação ao seu lançamento, e chegou a fazer planos para o evento. A revista *Cigarra*, periódico publicado na cidade de São Paulo, reproduziu para os seus leitores, em sua edição de dezembro de 1927, um dos capítulos do livro, intitulado “Onde as garças são mais brancas”.¹⁷ Um comentário crítico que acompanhou o excerto, francamente propagandístico, revela a existência de uma estratégia de divulgação, ao informar que o autor “brevemente exporá, nas livrarias de S. Paulo e do Rio, o seu livro, escripto com uma sinceridade observadora”.¹⁸ Além disso, alguns detalhes que apareceriam na obra finalizada, principalmente uma referência aos quinze meses de duração da viagem, permitem supor que Sylvio Floreal pudesse já possuir algum tipo de prova impressa do trabalho.¹⁹

De acordo com a pesquisa de Rafael Rodrigo Ferreira, muitos dos artigos que mais tarde fariam parte do *Brasil Trágico* foram publicados anteriormente em periódicos, retroagindo até 1926.²⁰ No processo de reunião dos escritos que viriam a compor a obra, quer tenha sido organizada pelo próprio autor, ou mesmo por seu editor, o que se vê é uma ordem cronológica, abandonada

¹⁵ CANDIDO, *Literatura e Sociedade*, op. cit., p. 104-105.

¹⁶ FERREIRA, op. cit., p. 162. Talvez a primeira divulgação da morte de Sylvio Floreal tenha sido realizada por um jornal da cidade de Santos, em 18 de setembro de 1928.

¹⁷ *A Cigarra*. São Paulo: segunda quinzena, dez, 1927. (s.n.)

¹⁸ *Idem*, (s.n.)

¹⁹ Outro dado interessante é que os dois textos, o reproduzido nas páginas da revista, e a versão finalizada publicada em livro, não se espelham quando comparados. Existem diferenças de pontuação, no uso das vírgulas e nos pontos de exclamação. Teria Sylvio Floreal corrigido o texto para a sua reprodução no periódico? O texto que apareceu na obra definitiva foi modificado após a sua veiculação na revista? Ou tudo não passa de um erro de composição nas oficinas da tipografia responsável pela impressão?

²⁰ FERREIRA, op. cit.

pontualmente em alguns momentos, devido, ao que parece, a uma melhor adequação temática. Todos os textos, com exceção do capítulo introdutório, foram escritos, segundo as palavras do próprio Floreal, ao longo de quinze meses de andanças pelo então estado do Mato Grosso. Entretanto, se levarmos em consideração as datas informadas, a viagem teria durado somente doze, o que permite especular que na verdade estes quinze meses se referem ao período total de deslocamento, incluindo assim a saída, a locomoção, e o retorno final à capital paulista, onde o escritor, que não tinha uma residência fixa, alugando quartos de hotel ou pensões, efetivamente morava.²¹

Esta hipótese se reforça pelos rastros deixados por Sylvio Floreal ao longo do mês de junho de 1926, quando viajou pelo interior de São Paulo, mais especificamente para São José do Rio Preto, participando de eventos culturais na cidade como convidado das elites locais.²² Esta estada na cidade paulista, que então ostentava a posição de última parada da estrada de Ferro Araraquarense, situação conhecida como “ponta de trilhos” ou, de forma mais pejorativa, “boca do sertão”, permite especular que o autor possa ter partido de São Paulo, em direção às cidades mato-grossenses, por volta de maio de 1926, utilizando-se da malha ferroviária que ele tão bem conhecia, desde seus tempos como vendedor de assinaturas da *Revista do Brasil*.²³ O deslocamento em direção à cidade de Três-Lagoas, primeira localidade visitada pelo escritor, se deu passando por Araçatuba, conforme descrito no capítulo “Os dois espelhos da saleta de espera”, provavelmente em junho.²⁴ A partir daí, foram então quinze ou dezesseis meses até o retorno à cidade de São Paulo. Todo este trajeto fica mais evidente quando observamos a tabela abaixo, com a organização pormenorizada dos capítulos e as datas referenciadas, assim como os locais visitados ao longo da jornada.

²¹ O próprio autor parece ter perdido um pouco a noção do tempo ao longo de sua viagem. No capítulo XV, ele afirma “Esta ânsia de surpreender, na envoltura do seu flagrante, *in loco*, aspectos e visões de Matto Grosso, que há seguramente uns dez meses me norteia os passos (...)” (FLOREAL, *Brasil Trágico*, op. cit., p. 139). Se a data de 8 de fevereiro indicada ao final do artigo está correta, seriam oito meses desde a primeira data informada, 5 de julho de 1926.

²² Esta passagem ficou registrada em um dos periódicos na cidade, e é analisada em: MAHL, Marcelo Lapuente. *Um flâneur no Sertão: Sylvio Floreal no Noroeste Paulista*. Revista História (São Paulo), Unesp, Universidade Estadual Paulista (no prelo).

²³ BIGNOTTO, op. cit.

²⁴ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit., p. 18. Provavelmente a travessia do rio Paraná tenha se dado por meio da ponte Francisco Sá, inaugurada em 1926. Antes disso, a transposição ocorria por um sistema de balsas, que o autor pode ainda ter encontrado em funcionamento quando de sua chegada.

Tabela 1. Dados organizados pelo autor.

	Título	Local	Data
1	<i>Panno de boca do cenário da tragédia</i>	São Paulo	22/12/1927
2	<i>Os dois espelhos da saleta de espera</i>	Três Lagoas-Campo Grande	05/07/1926
3	<i>Variações alegres sobre Campo Grande</i>	Campo Grande	20/07/1926
4	<i>Os naufragos do mar da planície</i>	Ponta Porã	12/08/1926
5	<i>Aspectos pacíficos e belicosos de Ponta-Porã</i>	Ponta-Porã	18/08/1926
6	<i>A opulência do gigante verde</i>	Rio Amambahy	28/08/1926
7	<i>O paraíso dos jacarés</i>	Rio Cuiabá	10/10/1926
8	<i>Onde as garças são mais brancas</i>	Rio Cuyabá	11/10/1926
9	<i>A república das onças do pantanal</i>	Rio Cuyabá	12/10/1926
10	<i>Cuyabá - a cidade que espera</i>	Cuyabá	10/01/2927
11	<i>A cabeça do pacú</i>	Cuyabá	?/12/1926
12	<i>Corações onde ressoa a música das planícies e dos desertos!</i>	Cuyabá	6/12/1927
13	<i>A gênese do “Pau rodado”</i>	Cuyabá	28/12/1926
14	<i>Corumbá - a cidade azul</i>	Corumbá	05/02/1927
15	<i>O espectáculo do sangue no reino da xarqueada</i>	Corumbá	08/02/1927
16	<i>A gruta do inferno</i>	Forte de Coimbra	18/02/1927
17	<i>A vingança das piranhas</i>	Forte de Coimbra	20/02/1927
18	<i>Aquidauana - a cidade que dormia</i>	Aquidauana	26/02/1927
19	<i>A visão da tragédia no caminho do Garças</i>	Santa Rita do Araguaya	03/04/1927
20	<i>Santa Rita do Araguaya - a filha pobre dos diamantes</i>	Santa Rita do Araguaya	09/04/1927
21	<i>Os dominadores de desertos</i>	Santa Rita do Araguaya	12/04/1927
22	<i>A descoberta dos diamantes pelo mysterio de Tori-Cuiegge</i>	Santa Rita do Araguaya	22/04/1927
23	<i>O assassinato e a desordem - precursores do progresso</i>	Santa Rita do Araguaya	27/04/1927
24	<i>A desforra da miséria no sangue do Far-West</i>	Santa Rita do Araguaya	26/06/1927
25	<i>Sortes, superstições e caiporismos dos diamantes</i>	Lageado	18/07/1927
26	<i>O homem dos garimpos</i>	Santa Rita do Araguaya	?/03/1927
27	<i>A ronda dos piquás</i>	Lageado	20/07/1927

(Fonte: FLOREAL, *O Brasil Trágico*)

O livro *O Brasil Trágico* possui duzentos e oitenta e duas páginas numeradas, divididas em vinte e sete capítulos, o que demonstra um considerável poder de trabalho do autor, se considerarmos o tempo da viagem, e todos os esforços por ela exigidos. Provavelmente a escrita do eixo principal da

obra se deu durante os deslocamentos, ou pelo menos a versão inicial dos artigos, muitos dos quais utilizaram termos bastante singulares da cultura mato-grossense, com informações da geografia, da economia e da ecologia local, que certamente demandaram pesquisas e coleta de dados, além de muitas conversas e entrevistas, o que permite especular sobre a possível existência, em algum lugar esquecido, de anotações executadas por Sylvio Floreal, que seriam de grande valia para a pesquisa histórica.²⁵ A elaboração de muitos dos textos, portanto, deve ter se dado em quartos de hotel, dentro de automóveis, em vagões de trem, ou em paragens improvisadas, para depois receber um tratamento mais efetivo, o que coaduna muito bem com a imagem do escritor ambulante que acabou se fixando a respeito do autor.²⁶

Quanto ao teor da obra, o primeiro ponto a destacar sobre *O Brasil Trágico* é a grande diferença em relação ao seu trabalho anterior, *Ronda da meia noite*. Se este se volta para o mundo citadino, escolhendo como personagens os tipos humanos habitantes de uma metrópole em crescimento, àquele se dedica ao estado do Mato Grosso, pouco urbanizado e em grande parte formado por terras ainda inexploradas, tornando-se um exemplo contundente do que acontecia, na década de 1920, nas mais distantes zonas pioneiras, que experimentavam sociabilidades e níveis de desenvolvimento econômico muito diferentes das encontradas na capital paulista.²⁷ Foi certamente uma mudança acentuada, mas que deve ter sido encorajada pela experiência do autor com o mundo intelectual e jornalístico interiorano, especialmente em terras paulistas; para quem já havia rodado pelo interior de São Paulo,

²⁵FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit. Um exemplo da pesquisa *in loco* que envolveu a produção desses textos encontra-se no capítulo XXI, intitulado “Os dominadores de desertos”. Nele, Sylvio Floreal cita, em sequência, os nomes de cinquenta e cinco garimpos da região do Araguaia. Já no capítulo XIV, “O espetáculo do sangue no reino da xarqueada”, o autor informa, com números precisos, a quantidade de animais mortos pelos pecuaristas nas principais cidades do estado, nomeando inclusive quais foram as empresas envolvidas na atividade econômica do charque.

²⁶BROCA, Brito. Memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 178. Com uma obra dedicada ao estudo de nossa história literária, Brito Broca foi provavelmente o primeiro a notar a existência errante de Sylvio Floreal, marcada por momentos de grande instabilidade na vida profissional, e a forma como ela impregnou os seus escritos, se referindo à ele como um “escritor ambulante”.

²⁷KLEIN, Herbert S; LUNA, Francisco Vidal. Alimentando o mundo – o surgimento da moderna economia agrícola no Brasil. Tradução: Laura Teixeira Motta. Rio de Janeiro: FGV; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2020. Esta é uma das análises mais recentes sobre o desenvolvimento agrícola nacional, com especial atenção ao Brasil Central. Em relação às diferentes sociabilidades nas zonas pioneiras, consultar: CAMPOS, Raquel Discini. Mulheres e Crianças na Imprensa Paulista (1920-1940): Educação e História. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

as terras mato-grossenses poderiam parecer não tão distantes, e quando a oportunidade se apresentou, ele não a deixou escapar.²⁸

Por outro lado, a escolha de Sylvio Floreal em viajar para o Mato Grosso não pode ser considerada necessariamente um ato de inovação ou rebeldia autoral, muito menos uma novidade editorial. Desde pelo menos o começo do século XX, estão disponíveis ao público leitor uma profusão de livros com a audaciosa proposta de “descrever o Brasil”, sendo que a obra maior de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, acabou tornando-se uma espécie de modelo, um tanto quanto inalcançável, para uma série de escritores que publicaram trabalhos, por ele inspirados, dos mais diversos níveis estéticos e narrativos.²⁹

Esses autores, desbravadores do Brasil dito “profundo”, estejam eles mais próximos da escrita ensaística, tais como Alberto Torres e Oliveira Viana, ou mais afeitos à narrativa ficcional, como Valdomiro Silveira, Afonso Arinos, Coelho Neto e Simões Lopes, cujas principais contribuições se localizam entre as décadas de 1910 e 1930, lançaram as bases do que se convencionou chamar de “prosa regionalista”, descolada das experiências modernistas e devedora, por excelência, das correntes realista e simbolista.³⁰ Uma outra reflexão sobre esses interpretes do país insere seus projetos no âmbito de uma “literatura sertaneja”, ou “pós romântica”, que tem como característica principal o excesso da cor local, em tons pitorescos, que acaba por submeter a narrativa à prévias concepções que tendem a entender o homem e a natureza como uma coisa só, muitas vezes aproximando-se de uma visão mesológica, com estreitos laços com as interpretações de cunho racial, das quais muitas vezes não se distinguem.³¹ Em outras palavras, percebe-se, nesse momento da produção intelectual nacional, uma tendência para tratar “o homem como peça

²⁸ BIGNOTTO, op. cit., p. 436. Parece, entretanto, que o autor trouxe da experiência no Mato Grosso não somente material para um novo livro, que acabou tornando-se o seu último, e para muitos “o mais belo”, mas também, segunda a sua narrativa um tanto quanto melancólica, “as maiores desilusões”. As condições em que se deu esta viagem - um convite de algum periódico ou uma iniciativa própria -, ainda não estão claras.

²⁹ MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1915-1933)*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1996, v. VI, p. 255. Para uma reflexão sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha, consultar: AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos Trópicos*. Tradução Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

³⁰ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976, p. 343. Vale ressaltar que as reflexões sobre a *hinterland* nacional também se fizeram presentes entre os intelectuais da educação durante a Primeira República. Sobre este assunto, consultar: MONARCHA, Carlos. *Brasil Arcaico, Escola Nova. Ciência, técnica e utopia nos anos de 1920-1930*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

³¹ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical - história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo”, em prejuízo dos dois, simplificando-os.³²

Nas páginas do *Brasil Trágico*, o tom pitoresco se impõe, para o deleite dos leitores urbanos, público para o qual o livro claramente se destina. Neste sentido, são evidentes os recursos utilizados para despertar a curiosidade e a imaginação: os animais da região, sempre envoltos em um tom exótico – as garças e as onças parecem ter ocupado um lugar especial na visão do autor –, a exuberância das árvores típicas, a abundância dos rios e seus peixes majestosos, os perigos e mistérios escondidos nas matas; do outro lado, as características étnicas da população, os elementos da cultura regional, suas tradições alimentares, o vestuário, os mitos e as histórias contadas por pessoas comuns, tratadas com um ar de paciente indulgência. Assim, é a partir deste eixo – o da singularidade – que se apresentam os dois personagens principais dessa narrativa: a natureza e os habitantes do Mato Grosso. Dois elementos que, em oposição, movimentam as ações e as decisões nesse extenso cenário que é o Brasil Central.

Sylvio Floreal apresenta a região mato-grossense como o palco para a luta dos pioneiros contra a natureza, que acaba por ser dominada, sucumbindo às forças da civilização. Dessa forma, o mundo natural, apesar de ocupar um lugar importante ao longo de todo o livro, não é o seu tema principal, tornando-se sim um elemento coadjuvante, preparando a cena para o ator maior. O personagem central da obra é o homem; mais do que isto, é o homem desbravador. Suas características virtuosas, como audácia, companheirismo, força, resistência e resiliência, e seus defeitos, tais como a cobiça, raiva, inveja, ganância e violência, convivem lado a lado, aflorando durante o exato momento em que se assentam milhares de pessoas pelos confins dos sertões, vindos de todos os cantos do país.

Para tanto, o autor manteve sua atenção voltada para a força do conjunto, o movimento de uma coletividade, sem se concentrar em sujeitos específicos, utilizando em sua análise expressões mais amplas e generalizantes, tais como “o mato-grossense”, “o garimpeiro” ou “o cuiabano”. Um único desvio nesta abordagem foi permitido, para apresentar o engenheiro agrônomo José Morbeck, figura destacada na região diamantífera do Mato Grosso e que pode muito bem, naquele momento, ter sido anfitrião de Sylvio Floreal.³³ Este,

³² CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009, p. 528.

³³ Sobre a trajetória de José Morbeck no Mato Grosso, e seu envolvimento na política regional, consultar: CARVALHO, Viviane Correia. Fazendeiros e Coronéis: Leste de Mato Grosso (1890-1940). (Mestrado).

talvez em retribuição pela receptividade, ou em deferência por sua influência política, acabou por lhe dedicar todo um artigo, “O homem dos Garimpos”, cujo objetivo único foi o de enaltecer Morbeck, descrevendo-o como “simples nos hábitos, lhano na tracto, espoliado de ambições (...) com uma tenacidade mystica e uma bravura selvagem!”.³⁴ Interessante que o escolhido para ser homenageado em um texto francamente laudatório tenha sido um “coronel”, que à época estava envolvido em uma violenta disputa - um verdadeiro conflito armado -, pelo poder na região garimpeira de Barra do Garças, mas tenha se esquecido de falar sobre um de seus apoiadores, o General Candido Mariano da Silva Rondon, um dos mais proeminentes filhos do Mato Grosso.³⁵ Na época da viagem de Floreal, o então General Rondon já ostentava 40 anos de serviço militar, tendo se notabilizado, inclusive internacionalmente, por seus trabalhos junto ao projeto de integração do interior do país por meio de uma extensa e complexa rede de linhas telegráficas, além de ter acompanhado o próprio presidente dos Estados Unidos ao longo de uma jornada, que quase terminou em tragédia, pelos sertões do Brasil.³⁶ Portanto, é improvável que Sylvio Floreal não tivesse conhecimento sobre as aventuras de Rondon, encontrado antigos companheiros ou mesmo ouvido relatos inéditos sobre suas longas travessias pelo interior. Talvez esse silêncio possa ser explicado pela participação ativa do General como comandante da dura repressão, ordenada pelo então presidente Arthur Bernardes, ao movimento político de 1924, que resultou no bombardeio da cidade de São Paulo;³⁷ o que pode ter gerado a antipatia do escritor santista pela figura do “Guerreiro da Paz”, sendo ele morador da capital e provavelmente observador privilegiado dos traumáticos acontecimentos.³⁸

Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós Graduação em História, Cuiabá, 2011.

³⁴ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit., p. 276

³⁵ Sobre o apoio de Rondon à José Morbeck, no contexto das lutas em torno das regiões diamantíferas do Mato Grosso, ver: CARVALHO, op. cit., p. 71.

³⁶ O relato pessoal do então presidente estadunidense sobre a chamada Expedição Roosevelt-Rondon pode ser lido em: ROOSEVELT, Theodore. *Nas Selvas do Brasil*. Trad. Luiz Guimarães Junior. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola; Ministério da Agricultura, 1943. Já o ponto de vista de Rondon sobre a viagem com o presidente norte americano foi apresentado em: VIVEIROS, Esther de. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010. Para uma reflexão sobre os pormenores da expedição, consultar: MILLARD, Candice. *The River of Doubt - Theodore Roosevelt's Darkest Journey*. New York: Anchor Books, 2006. Sobre a vida e a trajetória profissional de Rondon, ver: ROHTER, Larry. *Rondon, uma biografia*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

³⁷ Sobre a participação do General Rondon no conflito, consultar: ROHTER, op. cit., p. 369.

³⁸ Pelo menos em um trecho do livro *O Brasil Trágico* Sylvio Floreal demonstra pleno conhecimento sobre o movimento de 1924 e suas consequências políticas. Em Pedro Juan Caballero, ele informa que a cidade

Feita a ressalva, a figura representativa e repleta de significados do desbravador foi a que saltou aos olhos de Sylvio Floreal durante a sua longa viagem. Ao território virgem, pouco ocupado, o autor contrapôs a atuação desses pioneiros, os novos bandeirantes, sempre em marcha, capazes de fazer valer a sua energia sobre o estado do Mato Grosso, que “é bem um gigante verde que dorme ainda”,³⁹ pouco povoado e que necessitava de uma ação modificadora. Esta é uma imagem comum nos discursos sobre o Brasil Central, e que terá, nas décadas de 1930 e 1940, um papel importante nas políticas de colonização da região: a do vazio populacional.⁴⁰ Nas palavras do autor, “Em Matto Grosso é clamorosa a ausencia do numero humano. Numero que faz a excelente equação social – gente igual a progresso. A falta, torna tudo difícil, tudo excessivamente trabalhoso, tudo horrivelmente precário”.⁴¹ Tem-se aí, portanto, duas forças capazes de impulsionar a colonização das terras mato-grossenses: a sempre disponível mitologia bandeirante, que fornecia elementos heroicos reconvertidos, quando necessário, para os mais diversos ambientes e temporalidades; e o das terras fartas e disponíveis - uma vez que desabitadas -, discurso que excluía e negava aos povos indígenas a condição de legítimos herdeiros do território.⁴² Segundo Floreal, o que existia era uma vastidão adormecida, “deserta”, pronta para ser ocupada: “Planícies como não há iguaes no mundo! Planícies onde cabe uma nação!”⁴³

O pioneiro, verdadeiro “capital-homem, a fortuna energia, o tesouro-atividade”,⁴⁴ envolto pelas forças da natureza, que lhe provocam uma “sensação

“ha muito tempo se transformou em uma Meca amável de revolucionários que pacificamente esperam uma possível amnistia” (p. 50), revelando inequívoca solidariedade para com os exilados daquelas ações tenentistas. Sobre o movimento tenentista, consultar: BORGES, Vavy Pacheco. Tenentismo e Revolução Brasileira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992. Ver também: COHEN, Ilka Stern. Vida política paulista nas décadas de 1920-1930: as revoluções de 1924 e 1932. In: ODALIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. História do Estado de São Paulo – A Formação da Unidade Paulista. São Paulo: Ed. Unesp/Arquivo Público do Estado/Imprensa Oficial, 2010.

³⁹ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit. p. 57.

⁴⁰ GOMES, Angela da Castro. População e Sociedade. In: GOMES, Angela de Castro (org.). Olhando para Dentro 1930-1964. Rio de Janeiro: Objetiva; Mapfre: Madri. 2013. Sobre o desenvolvimento econômico do Brasil Central, ver também: SILVA, Sandro Dutra. No Oeste, A Terra e o Céu – a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central. Rio de Janeiro: Mauad; Goiânia: FAPEG. 2017.

⁴¹ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit. p. 8.

⁴² SILVA, op. cit. Sobre a formação do mito bandeirante, ver: FERREIRA, Antonio Celso. A Epopeia Bandeirante. São Paulo: Ed. Unesp, 2002; ver também: MAHL, Marcelo Lapuente. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a Ideia de Raça (1894-1940). In: BONTEMPI Jr, Bruno; CAMPOS, Raquel Discini de. Paulistanidade e Educação: práticas e simbologias. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

⁴³ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit. p. 34.

⁴⁴ Idem, p. 7.

de grandeza que envolve o domina a alma, arrebatando-a”⁴⁵ deve, contudo, ignorar esse torpor, abandonar seus medos e superar as dificuldades em busca de um objetivo maior: o progresso. O resultado dessa “marcha” eram as próprias cidades que se mostravam durante o trajeto, deslumbrando as retinas do viajante. Em sequência, Sylvio Floreal, sem disfarçar o entusiasmo, apresenta ao leitor as localidades por ele visitadas. Usando fartamente os adjetivos e os pontos de exclamação (são aproximadamente duzentos e treze ao longo do livro), a descrição dos núcleos urbanos torna-se o principal meio para exaltar as virtudes do processo de ocupação do território do Mato Grosso.

Assim, Três Lagoas é o exemplo que como “uma cidade pode crescer de minuto para minuto”.⁴⁶ Campo Grande, apesar de uma indisfarçável animosidade inicial, devido “a uma atmosphaera de hostilidade repelindo o forasteiro”⁴⁷ e ao excesso “dessa coisa tão odiosa que é a poeira”,⁴⁸ acaba sendo descrita com mais boa vontade, sendo apresentada como “a cidade jovem, surgida da noite para o dia, de um acampamento de pouso de boiadeiros”.⁴⁹ Em Corumbá, Floreal também viu uma “jovialidade comunicativa, projectando no espelho azul das aguas (...) toda essa alegria de quem gosa os direitos de uma idoneidade, conquistada na senda do esforço e do progresso”.⁵⁰ Já sobre Aquidauana, o que lhe chamou a atenção foi o impulso de desenvolvimento após a chegada da Ferrovia Noroeste, quando, a partir de então, a cidade “nunca mais se olvidou de progredir”.⁵¹ Em Santa Rita do Araguaia, chamada “Filha dos Diamantes”, sua atenção se voltou para o seu forte poder de atração, devido à suposta abundância das pedras preciosas; riqueza que levaria o núcleo populacional “ao concerto das grandes cidades do Brasil”.⁵² Quanto à Cuiabá, o autor dedicou algumas páginas à sua história, recorrendo também aos dados populacionais para apresentar um panorama mais completo, quando comparado às outras cidades elencadas. Em sua visão, a capital do estado lhe pareceu um pouco atrasada, talvez modorrenta demais, em se tratando da sede administrativa do governo, enfrentando quase uma situação de dormência, à espera de dias mais movimentados:

⁴⁵ Idem, p. 56.

⁴⁶ Idem, p. 20.

⁴⁷ Idem, p. 25.

⁴⁸ Idem, p. 26.

⁴⁹ Idem, p. 37.

⁵⁰ Idem, p. 133-134.

⁵¹ Idem, p. 170.

⁵² Idem, p. 184.

Cuyabá, a filha do ouro, a metrópole do funcionalismo público do Estado, é feliz, relativamente feliz, e tem vivido até os nossos dias sem se lembrar de criar uma indústria ou um outro derivativo equivalente, que lhe infectasse o alarde irrequieto das improvisações do progresso e da civilização.⁵³

Entretanto, apesar da ressalva, esse ambiente acolhedor, mas pouco convidativo aos espíritos mais aventureiros, não impediu que Floreal vislumbresse um futuro promissor para a capital, em um tempo não tão distante. Essa demora do povo cuiabano em abraçar o desenvolvimento lhe pareceu uma espécie de período de latência; logo, a cidade despertará, após “dois séculos de quietude”, para então se entregar “à gula do Brasil que terá crescido tanto, quanto a longa expectativa em que ansiavas pela sua chegada!”⁵⁴

Imagens 1: Quatro exemplos, dentre as várias iniciais decorativas que compõem o livro, produzidas pelo artista J. G. Villin, colaborador de Monteiro Lobato, e que também foi o responsável pela capa do “Brasil Trágico”. Com evidente função ilustrativa, as imagens representam algumas das idéias mais exploradas por Sylvio Floreal sobre o Mato Grosso. Em primeiro lugar, a onça pintada, o símbolo maior da natureza selvagem, misteriosa e ainda intocada do pantanal (letra D); logo em seguida, vemos a locomotiva, imagem icônica do progresso que avançava pelo interior, impulsionado pelos trilhos desejados, mas nem sempre disponíveis (letra E); abaixo, a arma de fogo, revelando o ambiente de insegurança e violência que muitas vezes explodia, de forma trágica, principalmente nas regiões de fronteira (letra C); e finalmente, o diamante, pedra de brilho hipnótico, que embalava os sonhos de riqueza dos aventureiros que se dirigiam, em cada vez maior número, para os garimpos mato-grossenses (letra P). Fonte: (FLOREAL, *O Brasil Trágico*).

⁵³ Idem, p. 100.

⁵⁴ Idem, p. 102.



Em seu conjunto, Sylvio Floreal nos apresenta uma descrição bastante positiva do estado, o que não deve ter desapontado as redes de sociabilidade que lhe acolheram; ao que tudo indica, pessoas ligadas ao campo político e intelectual, o que ajuda a explicar a boa imagem deixada pelo autor durante a sua estadia no Mato Grosso.⁵⁵ Havia, naquele momento, um desejo, por

⁵⁵ BIGNOTTO, op. cit. Para uma reflexão sobre a formação das elites regionais, ver: BARICKMAN, Bert J.; LOVE, Joseph L. Elites Regionais. In: HEINZ, Flávio (org). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

parte das elites letradas, em garantir, por meio de ações de cunho político, econômico e também simbólico, “a inserção do Mato Grosso no processo de modernização do país”.⁵⁶ Por outro lado, essa boa vontade não impediu que Floreal observasse, tal como já havia feito em seu livro anterior, *Ronda da meia noite*, os aspectos negativos da experiência moderna. Por detrás daquele desenvolvimento também existiam pessoas cheias de carências e sofrimento; personagens atormentados, solitários e desamparados, e as cores com que o autor expôs esse lugar sombrio dos homens e mulheres do sertão, que geralmente se queria esconder, figuram entre os momentos mais interessantes de seu livro.

Portanto, se a natureza reservava riquezas das mais variadas, escondidas entre as belezas exuberantes e exóticas da mata virgem, a sociedade que se constituiu nesse processo de ocupação padecia de inúmeras mazelas, sendo uma das mais graves a violência. Na cidade de Ponta Porã, chamou a atenção do autor que “a população masculina, de oito a oitenta anos, toda ella ostenta na cintura um agressivo revolver (...) Quanta belicosidade inútil!”⁵⁷ Talvez tenha sido o vislumbre precoce dessa exibição armamentista que levou Sylvio Floreal a utilizar a expressão *far-west* para definir, em vários momentos, as regiões mais afastadas do Mato Grosso, especialmente nas áreas de garimpo. Lá, onde “na solidão, todos os meios justificam os fins”, o que ele viu foi a impossibilidade de “manter a integridade da ordem. O equilíbrio dos apetites e das paixões em taes casos é uma chimera...”.⁵⁸ O resultado dessa instabilidade era, de acordo com suas palavras, a gestação de uma “forma americanizada de Far-West, com o seu negro corollario de turbulências e distúrbios, forrododós, emboscadas e assassinatos”.⁵⁹ Contudo, toda essa insegurança parecia inevitável, sendo o preço pago, segundo o autor, para se adentrar na modernidade; uma espécie de efeito colateral do desenvolvimento, cujos sujeitos desse processo, “peões adventícios que levam a cobiça nos

⁵⁶ LEOTTI, Odemar. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT): Narrativa, Política e Cientificidade na invenção do Mato-Grossense Moderno (1919-1935). In: FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente. Os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros: Nação e Região na Historiografia Brasileira. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2017. p. 100. O início das atividades do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso, em 1919, é um exemplo desse esforço em integrar a região ao amplo processo de modernização nacional, que tinha os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro como principais centros irradiadores. Sua criação buscou construir uma imagem “civilizada” para o estado, dotando-o de mitos fundadores que lhe garantiriam uma base simbólica forte que pudesse responder aos desejos desenvolvimentistas das elites mato-grossenses.

⁵⁷ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit. p. 49.

⁵⁸ Idem, p. 230.

⁵⁹ Idem, p. 232.

olhos e a coragem nos pés”, agiam com bravura na luta contra os “insidiosos assaltos da miséria”.⁶⁰

O sertão mato-grossense também era o lar de um outro motivo de inquietude, além da violência e da insegurança; um mal mais difícil de se identificar, mas que assombrava os pioneiros talvez de forma mais terrível: a sífilis. Doença que imputava o peso de uma avaliação moral sobre o doente, além dos sofrimentos reais de uma enfermidade ainda sem tratamento efetivo, e que rondava as novas povoações que surgiam no rastro das pedras preciosas, onde a prostituição, o álcool e a libertinagem eram vistas como malefícios inseparáveis.⁶¹ O problema já havia sido abordado por Sylvio Floreal em seu *Ronda da meia noite*, apresentando-o como um componente nefasto a perturbar vários dos personagens paulistanos de seu *Tryptico da Miséria*.⁶²

O medo da sífilis era real, mas a sua existência naquela região aparece sobretudo para confirmar um julgamento negativo sobre o modo de vida daqueles trabalhadores entregues à própria sorte, impedidos pelas próprias condições sociais de constituírem famílias estáveis em ambientes tão inóspitos. É nesse contexto de franca reprovação que Floreal constrói um dos trechos de maior vigor narrativo de todo o livro. Sua descrição de uma certa “noite de diversão”, em um povoado dominado pela atividade garimpeira, organizada para afastar, segundo o autor, “o tédio do deserto”, não deixa dúvidas sobre a sua reprovação daquele festejo, que ele define como um “baile syphilitico”.⁶³ Segue então a sua visão sobre esse encontro de corpos em pleno luar do sertão:

O dinheiro corria á rodo. Folias, divertimentos e mil outras fuçanadas e salsifrés seguiam o seu curso, guiados pelos brilhos dos diamantes.

Dentro dos ranchos de pau a pique barreados, á luz de um candieiro de Kerozene que preguiçosamente espancava as trevas, a folia absorvia os ânímos, confundindo corpos que tremilicam, gingam e cabriteiam num roçagar sensual.

Pululam no lusco fusco, pares desengonçados! As carnes emornecidas porejam suores acres-agudos. Tresandam bafios picados desse odor que a offegação impregna nos perfumes e cosméticos quando são aplicados em arcabouços

⁶⁰ Idem, p. 193.

⁶¹ ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. Medicina, Leis e Moral – pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930). São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

⁶² FLOREAL, *Ronda da meia noite*, op. cit., p. 41.

⁶³ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit., p. 208.

que da hygiene soem receber umas visitas esporádicas, exíguas e relaxadas. Transita, então, pelo ar, de mistura com o fartum das fumaças dos lampeões de petróleos e dos cigarros de palha do forte fumo goyano, um bodum nauseante de orgia barbara.⁶⁴

A expressão “orgia bárbara”, carregada de forte e indisfarçável sentido pejorativo, e a visão das pessoas que não dançam, mas “tremilicam” e “cabriteiam” sem graça ou elegância, tal como animais, longe da atmosfera refinada dos grandes centros urbanos, mostram os limites da observação sobre as comunidades visitadas, principalmente nesses lugares mais recônditos. O viajante Sylvio Floreal parte sempre dos padrões de civilidade que ele conhecia e vivenciara na cidade de São Paulo, e que até então tinham servido de elemento fundante de grande parte de sua produção intelectual. Incapaz de adentrar nessa experiência como um aprendiz, ele se firmou na posição de um narrador distanciado, que não conseguiu se desvencilhar dos modelos culturais, raciais e sociais do período, o que deixa o texto impregnado pela ideia do exotismo, apresentado por alguém que julga o diferente, sem conseguir de fato compreendê-lo.⁶⁵ O resultado deste processo é que a capacidade criativa do autor, que consegue em vários momentos prender o leitor com imagens fortes e de grande potência emocional, acaba sendo limitada pela dificuldade em se afastar dos seus próprios julgamentos, o que torna o livro muito mais um retrato das expectativas, das frustrações e dos preconceitos de Sylvio Floreal, acumulados e observados durante o longo trajeto, do que propriamente sobre o estado do Mato Grosso, que ele esperava revelar aos seus leitores.⁶⁶

Hoje, passados mais de noventa anos da viagem que levou o escritor santista às distantes terras mato-grossenses, como envelheceram os seus

⁶⁴ Idem, p. 206.

⁶⁵ CANDIDO, *A Educação pela Noite*, op. cit. p. 224. Impossível pensar neste distanciamento/afastamento do real, sem recuperar a expressão “cultura de fachada”, que Antonio Candido utiliza para definir parte da produção literária na Primeira República, mais voltada para as representações que agradassem o olhar estrangeiro, evitando as mazelas e dificuldades cotidianas, que poucos tiveram a coragem e disponibilidade, naquele momento, de enxergar. Afastando-se dessa abordagem, Sylvio Floreal conseguiu evitar que seu livro se transformasse em um simples roteiro turístico, desprovido de senso crítico; por outro lado, tampouco pôde se desvencilhar das armadilhas e restrições apresentadas pelos paradigmas médicos, higienistas, sanitaristas e raciais. Sobre tais modelos de interpretação, consultar: LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

⁶⁶ BOSI, Alfredo. *Ideologia e Contra Ideologia*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. Tais limites que afetam a interpretação são resultado direto do diálogo do autor com o *ethos* de sua época. Entretanto, não se pode encerrá-lo neste julgamento, uma vez que Sylvio Floreal não se diferencia dos demais autores de ficção, ora se afastando, ora se aproximando dos estereótipos em circulação que acometem os escritores, em maior ou menor grau, mesmo os de “primeira água” (BOSI, *Ideologia e Contra Ideologia*, op. cit., p. 395).

prognósticos sobre aquilo que ele pôde melhor compreender, que foi o estágio de desenvolvimento econômico da região, e as suas promessas para o futuro? Sem dúvida que o Mato Grosso, hoje dividido em duas unidades federativas, tornou-se um centro de desenvolvimento econômico no Brasil Central. O atraso em relação à outras regiões, observado por Sylvio Floreal, com as vastas terras ainda inexploradas, cheias de “possibilidades de riquezas que margeiam as coisas belas”,⁶⁷ a morosidade pacífica de Campo Grande, com sua política ainda dominada pelos “moldes antigos e os processos estagnativos”,⁶⁸ o “bairrismo inimigo da civilização, do progresso e da novidade”⁶⁹ que imperava em Cuiabá, a improvisação que dominava “esta tentativa de cidade que é Ponta Porã”;⁷⁰ tudo isso parece ter ficado definitivamente para trás.

Uma bem-sucedida comunhão de interesses, ações políticas e investimentos dos setores público e privado, a partir das décadas de 1940 e 1950, alteraram o rumo dessa história. Estradas e ferrovias foram construídas; políticas migratórias habilmente direcionadas atraíram mão de obra de todo o país; crédito farto e com taxas mais amigáveis foram disponibilizados aos produtores, e se dotou a região de capacidade técnica que preparou o terreno para a chegada da soja, o desenvolvimento do algodão e o incremento da pecuária; projetos que, atuando em conjunto, converteram o Mato Grosso na “locomotiva que transformou o Centro-Oeste em uma das regiões mais ricas do Brasil”.⁷¹ Atualmente, o estado superou a sua condição de isolamento, e sua agricultura comercial é “moderna e totalmente integrada ao mercado mundial”.⁷² Toda essa transformação, que pode ser considerada “frenética” em seus primeiros tempos,⁷³ talvez surpreendesse Sylvio Floreal, mas em sua essência ele compreendeu, resumindo com uma frase simples, a chave para explicar tantas mudanças, principalmente quando se pensa nos imensuráveis problemas sociais e ambientais que acompanharam todo esse processo, marcado por desigualdades extremas que constituem estruturalmente o

⁶⁷ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit. p. 10

⁶⁸ *Idem*, p. 30.

⁶⁹ *Idem*, p. 126.

⁷⁰ *Idem*, p. 48.

⁷¹ KLEIN, LUNA, p. 245.

⁷² *Ibidem*, p. 279.

⁷³ *Ibidem*, p. 276.

nosso país: “enquanto houver o dinheiro – sangue que entumesce as veias do Far-West do Brasil Central”,⁷⁴ não se deve duvidar do progresso.

Artigo enviado para publicação em 07/08/2020

Artigo aprovado para publicação em 12/11/2020

⁷⁴ FLOREAL, *O Brasil Trágico*, op. cit. p. 282.